

## EM DEFESA DA ESCOLA DE SURDOS: A CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

VIOLETA PORTO MORAES<sup>1</sup>;  
MADALENA KLEIN<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas 1 – violetapmoraes@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora: Universidade Federal de Pelotas – kleinmada@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

No ano de 2006 é publicado no livro, *A invenção da Surdez II*, o artigo “O direito de aprender na escola de surdos” de autoria de Maura Corcini Lopes. Nele, a autora traz a seguinte problematização “Em meio a tantas lutas acabamos perdendo o foco de nosso compromisso como profissionais da educação” LOPES (2006) e, a partir disso, discute a reivindicação de um grupo de adolescentes surdos participantes do SIAPEA (Serviço Interdisciplinar de Atendimento e Pesquisa em Educação e Aprendizagem) para frequentarem a escola de ouvintes para finalização do ensino médio. Apesar de os alunos reconhecerem que a escola de surdos possibilita o encontro surdo, o uso da língua de sinais e o respeito à cultura surda, eles não se sentiam cobrados o suficiente para disputar um mundo de competição com os demais sujeitos, e entendiam que a escola de ouvintes poderia oferecer a aprendizagem necessária para isso. De certa forma, o que os adolescentes solicitavam não era o espaço da escola de ensino comum, ou seja, a escola de ouvintes, mas sim que a escola de surdos oferecesse as mesmas condições de aprendizagem que são possibilitadas aos ouvintes. Retomo a problematização feita por LOPES e me coloco também enquanto pesquisadora, profissional da educação e militante da luta surda e penso ser relevante pensar nesse momento qual é a bandeira de luta da comunidade surda? Como a escola de surdos vem sendo entendida já que a necessidade das escolas de surdos é temática recorrente nas lutas surdas?

Não tenho pretensão de responder a essas interrogações, mas sim dar início a uma pesquisa de doutorado que tem como objetivo: entender a constituição da educação bilíngue para surdos a partir do entendimento do sentido de escola que atravessa essas discussões. Pensando a escola como um lugar de pluralidade procuro aproximar-me de autores que irão possibilitar essa conversa. MASSCHELEIN; SIMONS (2015) no livro “Em defesa da escola: uma questão pública” fazem uma defesa da escola e problematizam os discursos a favor da extinção da escola e dos que lutam por uma reforma radical do espaço escola. Para os autores, o que se faz necessário é um reinvenção da escola enquanto lugar do tempo livre: “a nossa defesa não é um apelo para a preservação corajosa ou o retorno glorioso às velhas formas, técnicas e práticas, mas um chamado para experimentar formas concretas para criação de ‘tempo livre’ no mundo de hoje e para reunir os jovens em torno do ‘bem comum’”. MASSCHELEIN; SIMONS (2015). Diante disso, apresentam algumas características que fazem da escola o lugar do tempo livre: a suspensão quando o tempo do campo social, político e econômico é interrompido e o tempo da escola passa a ser o mesmo para todos os estudantes independente das suas particularidades familiares. Possibilita-se assim, juntos aos demais estudantes tornar-se um simples estudante único e singular; a profanação como a possibilidade da libertação da experiência de tempo considerada “única e verdadeira” e uma recriação das

verdades, das palavras e dos saberes e o amor público onde a escola é o espaço-tempo em que se experimenta, de forma comum e compartilhada, um amor pelo mundo tal como ele é, pelas coisas do mundo, práticas estas nas quais se ama em comum certa dimensão do estar em comum no mundo. A proposta dos autores é olhar para escola como um tempo e espaço de ver o mundo suspendendo e profanando verdades, ao passo que são rompidos laços para que o mundo seja apresentado aos alunos de maneira interessante e envolvente.

Com apoio dos autores referenciados, entendo a escola como o lugar da suspensão, do tempo livre para que as coisas aconteçam. Para que seja possibilitada aos sujeitos a experiência de começar algo novo num mundo, que não é o da família e nem da sociedade, e por isso o espaço da suspensão. Diante disso, a escola é o lugar da reinvenção, da profanação, da suspensão, da experiência. Diante do exposto, tenho a seguinte problemática nesse projeto de tese: Como a Escola para surdos se constituiu como espaço-tempo de suspensão e profanação?

## 2. METODOLOGIA

Como primeiro passo na construção metodológica do projeto de tese, realizei um recorte no banco de dados da pesquisa do Grupo Interinstitucional em Educação de Surdos: “Produções Culturais Surdas no Contexto da Educação Bilíngue”. A referida pesquisa analisou a circulação e o consumo de artefatos culturais em contextos da educação bilíngue para surdos nos espaços da educação básica e teve como espaço de investigação as 13 escolas específicas para surdos do Rio Grande do Sul. As universidades envolvidas nessa pesquisa foram: a Universidade do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Pelotas e a Universidade Federal de Santa Maria. A pesquisa “Produções Culturais Surdas no contexto da Educação Bilíngue” possui um banco de dados que contempla: observações, registros de atividades e materiais produzidos nas escolas, como também Regimento, Projetos Políticos Pedagógicos das mesmas, os áudios e vídeos das entrevistas realizadas e suas transcrições. Diante do banco de dados produzido na pesquisa, fiz um recorte no mesmo, optando por, nesse primeiro momento, analisar os Regimentos Escolares, Projetos Políticos Pedagógicos, duas perguntas das entrevistas feitas aos alunos e uma pergunta (que acaba desdobrando-se em duas) feita nas entrevistas com os professores. Os materiais serão tidos enquanto discursos que produzem verdades e instituem significados sobre a Educação Bilíngue para Surdos, que se estabelecem por aquilo que é dito e pelas condições do dizer. Aproximando-me dos estudos de Michel Foucault trabalharei com os discursos entendidos enquanto condicionados por práticas. Dessa forma, olhar a emergência e as condições que tornam possível o que se entende por educação bilíngue para surdos no contexto atual.

Olharei para esses discursos para perceber o que se reafirma como algo dado e fechado? O que quebra de recorrência? Quando são professores surdos, professores ouvintes, alunos surdos? Os Projetos Políticos Pedagógicos e Regimentos das Escolas, como se nomeiam? Como definem a escola?

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo de conhecer o que já foi pesquisado no que diz respeito às escolas de surdos no Rio Grande do Sul, realizei uma pesquisa no banco de teses e dissertações da Capes com seguinte temática de busca: “escola de surdos” e, para afunilar a busca, optei por um recorte temporal que inicia no ano

de 2006 como também por trabalhos orientados pelas professoras responsáveis pelo Grupo de Pesquisas em Educação de Surdos – GIPES do Rio Grande do Sul. Com isso, não irei descrever o que foi pesquisado, mas sim olhar para o que se aproxima da minha pretensão de pesquisa, o que se distancia e o que, a partir dos meus objetivos, pode ser visto como algo que ainda não foi “dito”.

Na busca realizada encontrei doze pesquisas que tinham a escola como lócus de pesquisa ora como o lugar do desenvolvimento de práticas pedagógicas CHIELLA (2015), GURGEL (2016), NETA (2016), AIRES (2017), SILVA (2017), e da produção de uma pedagogia surda SILVA (2012) e FORMOZO (2013), ora como espaço do uso de línguas PEREIRA (2011), MULLER (2016). Mesmo ao se pesquisar currículo e pedagogia surda se faça referência à escola, mas como o lugar onde o discurso e práticas curriculares acontecem. As dissertações de mestrado de CAMATTI (2011) e JACINTO (2016) trazem contribuições acerca dos modos como a escola de surdos vem sendo entendida. A primeira, ao olhar para a produção do sujeito surdo pedagógico acaba por localizar a Escola de surdos como espaço de constituição da comunidade surdo e a segunda ao problematizar o currículo e as práticas pedagógicas em uma escola de surdos do Rio Grande do Sul situa escola como espaço de fortalecimento da comunidade surda.

#### 4. CONCLUSÕES

A escola vem ocupando um lugar de pano de fundo nas discussões sobre educação de surdos, apesar de ser o slogan das lutas surdas desde a década de 90. Porém, naquele momento a reivindicação estava centrada no reconhecimento da língua brasileira de sinais como língua oficial e a discussão sobre a escola não tinha centralidade. Em muitos momentos da luta surda, o espaço da língua e o espaço da escola se confundem e se diferenciam ao ponto que o discurso sobre o bilinguismo ganha status de Escola Bilíngue com a resistência diante das Políticas de Inclusão. Retomando o que foi brevemente discutido, pergunto: como a educação bilíngue, entendida como uso de duas línguas, possibilita a multiplicidade? A língua da escola é a língua da diferença, a língua que insere o aluno no mundo? MASSCHELEIN (2017). A partir disso, o que representa ter contato com a língua de sinais na escola de surdos? Escola é o lugar onde me encontro com a diferença, onde há possibilidade da produção da comunidade dos outros. Entender a escola como espaço do estar, do lugar do tempo em suspenso para que as coisas aconteçam. Escola como instituição e não como a segunda casa. Como perceber isso na escola de surdos já que a maioria dos surdos são filhos de pais ouvintes e a escola para esses sujeitos constitui-se como o lugar do acolhimento e da “segunda família”.

O que pude perceber, até este momento, é que a escola de surdos atravessa as discussões acerca das políticas de inclusão e da educação de surdos tanto na academia quanto nas pautas de lutas do movimento surdo. Porém, o direcionamento que darei neste projeto não tem o mesmo enfoque das pesquisas já realizadas. Não tenho o objetivo de descobrir qual o melhor lugar para a educação de surdos e também não tenho a pretensão de desenvolver uma pesquisa que coloque em oposição escolas de surdos e escolas de inclusão, já que reduzem a discussão da diferença ao binarismo ouvinte/surdo. Posiciono-me, sim, como uma pesquisadora-docente-militante que encontra-se em “defesa das escolas de surdos” e, isso não me impede de problematizar esse espaço e tentar entender as condições de possibilidade que os constituíram de um jeito e não de

outro. Pretendo tensionar outras formas de olhar para a escola como o lugar da pluralidade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIRES, R. **A constituição da educação bilíngue em uma prática na bidocência e o desenvolvimento profissional docente.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.
- CAMATTI, L. **A emergência do sujeito pedagógico surdo no espaço de convergência entre comunidade e escola de surdos.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria.
- CHIELLA, V. **Mosaico da escola de surdos: fragmentos da educação bilíngue.** 2015. Tese (Doutorado em Educação) Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- FORMOZO, D. **Discursos sobre pedagogias surdas.** 2013. Tese (Doutorado em Educação) Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.
- GURGEL, L. **“UM LEQUE DE POSSIBILIDADES”: representações docentes sobre as práticas pedagógicas de educação literária na educação de surdos.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- JACINTO, M. **Possíveis negociações dos discursos curriculares no contexto da educação bilíngue de uma escola de surdos do Rio Grande do Sul.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria.
- LOPES, M.C. O direito de aprender na escola de surdos. In: THOMA, A.; LOPES, M.C (Orgs.). **A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.p. 27-46.
- MASSCHELEIN, J; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão pública.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015.
- MASSCHELEIN, J. A língua da escola: alienante ou emancipadora? In.: LARROSA, J. (Org.). **Elogio da escola.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. Primeira parte, p. 19-40.
- MULLER, J. **Língua portuguesa na educação escolar bilíngue de surdos.** 2016. Tese (Doutorado em Educação) Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- NETA, C. **“Senta, que lá vem histórica!” Representações de docentes sobre a hora do conto em língua brasileira de sinais.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PEREIRA, K. **Variação linguística da libras no contexto da educação de surdos.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.
- SILVA, N. **Práticas de disciplinamento e escolarização: registros fotográficos no contexto surdo.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.
- SILVA, B. **Memória e Narrativas surdas: o que sinalizam as professoras sobre sua formação?** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.